

**“A mente não acostuma, o corpo não acostuma, o coração também não acostuma”:
morar, trabalhar e partir da comunidade Rio dos Patos (Prudentópolis, PR)**

Amanda Taeli Rodrigues¹

Resumo

A presente comunicação oral está vinculada a uma pesquisa de mestrado em andamento que propõe historicizar as experiências de trabalhadores/as e moradores/as da comunidade Rio dos Patos, localizada no município de Prudentópolis, Paraná. A partir das suas memórias, pretende-se compreender os impactos do encerramento das atividades de uma fábrica de pasta mecânica de celulose que operava na comunidade. Pensar essa comunidade implica entendê-la para além de um lugar onde determinadas ações ou eventos ocorreram, e sim como um ambiente em que as pessoas aterraram suas experiências, construíram formas de morar, viver e trabalhar, mas precisaram partir. Essa pesquisa adota a noção de que a memória é um processo contínuo de elaboração e reconstrução dos componentes da experiência à luz do presente e em resposta a ele. Nesse sentido, busca-se refletir de que maneira as memórias revelam como o lugar é sentido, habitado e transformado para além do espaço físico, mas considerado indissociável dos vínculos afetivos e de pertencimento entrelaçados ao ambiente vivido e como essas noções operaram e operam em diferentes momentos: antes e depois do encerramento das atividades da fábrica, o qual gerou um êxodo na comunidade. Com usos da história oral, foram cocriadas narrativas para compreender o trabalho memorial do sujeito acerca da sua inscrição e relação com o mundo, noções que, geralmente, não fazem parte dos registros técnicos e institucionais. Para isso, considera-se que as experiências não estão relacionadas apenas às subjetividades dos narradores, mas também demonstram como os processos históricos – relacionados à industrialização, ao êxodo rural, às itinerâncias de trabalhadores e às novas formas de ruralidades – são incorporados em trajetórias individuais e coletivas.

Palavras-chave

Experiência; Lugar; Rio dos Patos; Trabalho.

Introdução

O processo de exploração madeireira no Paraná não transformou apenas a paisagem regional, mas também fez parte da estruturação dos modos de viver, trabalhar e habitar as comunidades que estavam ligadas às indústrias madeireiras. Não é um desacordo considerar os impactos da indústrias madeireiras em todo o país, mas aqui nos propomos pensar o âmbito local e as experiências dos sujeitos envolvidos nessas comunidades que foram lugares de

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

memória e sociabilidades construídos em conformidade aos funcionamentos de uma fábrica de pasta mecânica de celulose no interior do Paraná, como é o caso da comunidade Rio dos Patos, que exemplifica as diferentes dinâmicas e suas elaborações realizadas pelos sujeitos envolvidos nas tramas de uma fábrica mecânica na área rural do estado.

Segundo a historiadora Aída Mansani Lavallo (1981, p. 13), as serrarias do Paraná, outrora estabelecidas próximas ao litoral devido a alta quantidade de floresta que viria a ser a matéria prima dessas indústrias, passaram a se concentrar no centro-sul do estado a partir do século XX, quando as reservas de madeira foram esgotadas nas proximidades da ferrovia. No centro-sul do estado está localizada a cidade de Prudentópolis.

Figura 1: localização de Prudentópolis no Paraná



Fonte: Unicentro, s/d.

Prudentópolis consolidou-se historicamente como um município marcado pela significativa presença de descendentes de povos eslavos, sobretudo ucranianos e poloneses. Segundo Ramos (2012), desde a segunda metade do século XIX, esses grupos desempenharam papel central no processo de ocupação e colonização do território, em interação com populações brasileiras, incluindo bandeirantes, e com povos indígenas.

A organização espacial das colônias ocorreu por meio das chamadas “linhas”, estruturas de povoamento alinhadas ao traçado e à expansão das vias de circulação. Nesse contexto, destaca-se a Linha Rio dos Patos, situada às margens do curso d’água que lhe dá nome e a aproximadamente 7 km da área urbana do município, integrando o conjunto das 38 primeiras linhas fundadas (Zaroski, 2018).

É possível dimensionar nessa localidade a presença de uma serraria ao menos desde 1920, quando os compadres Severo Agibert e Alberto Pinto de Carvalho tornam-se sócios na propriedade que seria a "única serraria a qual era movida com um rodão de madeira acionada

com a água da cachoeira onde hoje é a fábrica de pasta" (Gomes, 1972, p. 41). É de importância apontar que após a dissolução da sociedade e a entrada dos filhos de Severo na empresa, foi construída uma fábrica de pasta de celulose, entre 1957 e 1961 (Guil, 2015).

A Firma Agibert, como ficou conhecida, tornou-se base econômica da comunidade Rio dos Patos, estruturando não apenas as relações de trabalho, mas também as formas de moradia, sociabilidade e pertencimento local. Em 2019, o encerramento das atividades da empresa representou uma ruptura profunda na vida daqueles que construíram suas trajetórias em torno dela.

A experiência e a memória do sujeito

A experiência de viver na comunidade é elaborada e reelaborada no trabalho da memória. As trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças são passíveis de rastreamento pelo historiador (Amado, 1995, p. 35), o que torna possível compreender os diferentes significados dados pelos sujeitos ao trabalhar, morar e partir da comunidade Rio dos Patos, considerando a mudança ocasionada pelo fim das atividades da firma.

Aqui vale destacar que as experiências que emergem da comunidade citada devem ser situadas e ambientadas, sobretudo para não serem interpretadas segundo categorias de operariado urbano-industrial. Nesse caso, há uma articulação de modos de vida rural, saberes e relações comunitárias com novas formas de trabalho, em que se gera experiências híbridas de pertencimento. O trabalho na firma faz parte de um processo de reorganização das formas de existir no lugar.

Pensar a comunidade Rio dos Patos a partir das memórias de seus moradores e trabalhadores permite situá-la em um debate historiográfico que enfatiza a experiência enraizada no lugar. O encerramento das atividades da Firma Agibert, nesse sentido, não representa apenas o fim de uma unidade produtiva, mas a desarticulação de um conjunto de relações que estruturam a vida cotidiana, as sociabilidades e as trajetórias dos sujeitos.

História oral como metodologia

Os usos da história oral permite dar visibilidade aos processos de transformação social que marcaram - e continuam marcando - comunidades rurais que estão relacionadas a processos mais amplos de industrialização e desindustrialização do estado. As estratégias identitárias

elaboradas pelos sujeitos diante dessas transformações revelam formas ativas de significação de si e de seus mundos através dos quais os sujeitos atribuem sentido às suas experiências humanas no tempo (Portelli, 2016), em que o lugar permanece como agente participativo na constituição da memória e da identidade.

Neste texto, privilegia-se a narrativa de Alcelia Aparecida Scheidt², "Célia", mulher branca de 46 anos, que viveu no Rio dos Patos entre 2003 e aproximadamente 2020, quando se mudou para a área urbana de Prudentópolis. Sua narrativa nos permite compreender como o sujeito significa as vivências à luz do presente, em que o lugar é evidenciado não como palco onde os eventos acontecem. O trabalho memorial sobre o lugar é reelaborado e interpretado através do ato de narrar.

A história oral nos convida a compreender como o trabalhar e morar é narrado, reelaborado e ressignificado ao longo do tempo, evidenciando tanto continuidades quanto rupturas nas trajetórias individuais, também dimensionadas a partir do momento em que não se reside nesse lugar que constitui tais dinâmicas e que também é constituído por elas. Aqui a centralidade atribuída a uma trajetória específica não implica generalização, mas possibilita apreender, em profundidade, os modos pelos quais processos históricos mais amplos são elaborados pela subjetividade.

O lugar é agente e multissensorial: trajetórias e pertencimento

Alcelia Scheidt nasceu no interior de Guamiranga, Paraná, cidade vizinha a Prudentópolis. Sua trajetória de vida foi marcada por constantes deslocamentos: mudou-se para Prudentópolis aos 14 anos pela primeira vez, mas não se adaptou, voltando para o interior onde nasceu; depois mudou-se para Santa Catarina, em seguida para Curitiba, e retornou a Prudentópolis, onde casou e formou família. Em 2003, após uma separação, saiu da vila na área urbana onde morava e passou a residir no Rio dos Patos. Sua chegada ao Rio dos Patos não foi planejada, mas circunstancial:

Bom, eu fui parar no Rio dos Patos depois que me separei do Side [ex-marido].
E, na verdade, eu nem ia, né? Só fui porque ganhei uma casa lá. Então, na verdade, eu não tinha nem onde morar e acabei caindo lá no Rio dos Patos".

Apesar dessa chegada fortuita, o Rio dos Patos tornou-se central em sua narrativa identitária, "o Rio dos Patos pra mim foi a minha casa, foi o lugar onde eu criei meus filhos, foi

² O uso do nome da entrevista está em conformidade com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), parecer nº 7.273.831.

o lugar onde eu fui mais feliz.” (Scheidt, 2025). Além disso, o vínculo afetivo com o lugar se expressa no desejo constante de retorno.

Eu tenho vontade de abandonar tudo aqui e voltar pra lá. Só não faço isso porque tem gente morando na casa. Senão eu já tinha voltado. Se é arrependimento, que nem diz, matasse eu taria morta, mas aqui também... sou feliz, do meu jeito sou. Mas igual no Rio dos Patos, Amanda, não tem lugar melhor pra morar. Não existe (Scheidt, 2025).

A comunidade Rio dos Patos é reelaborada para além de ações e/ou eventos ocorridos, mas como lugar participativo no processo de produção da memória sobre suas formas de morar e trabalhar. Essa memória traz a dimensão de que o sujeito é vinculado a uma localidade e que “lugares são fatos existenciais elementares e a construção social de um lugar, em termos de outros, é um meio universal de experiência” (Tilley, 2014, p. 50). Portanto, há uma relação entre memória, identidade e pertencimento entrelaçadas ao lugar.

O lugar, nessa perspectiva, não é um espaço enquanto palco das atividades e ações do sujeito e do tempo, mas é dotado de valor e significados através das experiências. Não é fixo, porque elaborar com o lugar é um tecer de histórias. Um espaço, portanto, deixa de ser indiferenciado à medida em que o dotamos de valor e, portanto, a localização se torna lugar, sobretudo através dos processos da experiência (Tuan, 2013, p. 13).

Além disso, é importante pensar que as experiências narradas por Alcelia não são mediadas apenas pela elaboração simbólica e social da memória, considerando-a apenas relacionada à psique. Trata-se de uma memória corporificada, emaranhada ao mundo material, composta pelas dimensões corporais e fusão de sentidos (Tilley, 2014). Há uma compreensão multissensorial do lugar:

Aquelas cachoeiras caindo, aquela água. Nossa senhora! O silêncio daquele rio, só aquele barulho da água, só os passarinhos cantando. Era coisa muito boa. O Vau da Erica lá pra nós é... nós dizia que era a praia de Itapema. Uma paz que você sente, Amanda do céu! Vai na beira de um rio um dia que você estiver estressada, nervosa, com um problema que você não consegue resolver. Você entra na beira do rio e põe os teus pés dentro de uma água correndo. Não tem coisa melhor! Parece que lava até tua alma, sabe? Você sai de lá renovada. E eu, de vez em quando, faço isso ainda. Às vezes eu passo a mão na minha bicicletinha e ó pro Rio dos Patos. Vou lá, sento, choro. Às vezes me dá saudade. Quando eu tenho saudade da minha mãe, eu vou lá, sento, choro. Converso com a água. Toma um banho e venho de volta. Venho nova de lá pra cá. É muito bom. Lá não tem coisa melhor (Scheidt, 2025).

Para a narradora, a experiência do Rio dos Patos é sinestésica - envolve audição (barulho da água, pássaros), tato (água nos pés), visão (cachoeiras) - e produz uma sensação de renovação do sujeito. O rio não é objeto contemplado à distância, mas coisa vivida que atravessa e transforma. Nesse sentido, a coisa é um acontecer, um entrelace de acontecimentos, assim as coisas trazidas à vida constituem e são constituídas pelos sujeitos (Ingold, 2012, p. 20). A

relação com o rio e com a natureza local não pode ser dissociada das formas de trabalhar e viver na comunidade. O Rio dos Patos como lugar é um emaranhado de relações sobre morar, trabalhar e partir do lugar.

Trabalho, memória e fechamento da Firma

O trabalho na Firma Agibert constituiu uma dimensão central da experiência de vida no Rio dos Patos e faz parte dos significados dados ao lugar. Alcelia trabalhou na fábrica, e na sua narrativa sua vivência diante do fechamento da empresa é interpretada como uma ruptura para a comunidade:

O único lugar que tinha o emprego fixo lá, era a firma. E depois fechou. Nossa, quando fechou aquilo de lá pra nós foi a mesma coisa que um funeral! Quando eles decretaram a falência, que eles falaram que iam fechar, nós não acreditava, sabe? Porque eles já vinham de anos falando pra nós. Um dia nós imo fechar porque a pasta tá caindo, o preço tá lá embaixo. Um dia subia, outro dia caía. E eu não acreditava que aquilo ia fechar. Te juro por Deus que eu nunca... Eu sempre dizia, e não acredito até hoje que aquilo fechou, sabe? Virou o que é hoje, que tá lá, aquele matagal. Um abandono total (Scheidt, 2025).

A experiência de trabalho na fábrica carrega uma dimensão de aprendizado e de constituição identitária que se mantém no presente:

Então, a minha experiência lá foi muito, muito boa. É uma experiência que eu vou levar pro resto da minha vida. É a experiência que eu tive na fábrica dos Agibert. Porque foi um aprendizado. Carrego comigo. Hoje, onde eu trabalho, no meu serviço atual, uso muita coisa da minha própria experiência de lá. Que aprendi com eles. Então, hoje, às vezes, eu caio no meu próprio serviço onde eu trabalho hoje (Scheidt, 2025).

Joel Candau (2012) também traz a dimensão de que a memória é um processo incorporado no corpo, nos gestos, nas práticas cotidianas, quase que como algo "natural". Podemos pensar essa memória corporificada a partir do trabalho pesado que deixou marcas permanentes:

Fomos cortar pinho, fomos cortar erva, fomo desgaiar pinho, trabalhei carregando caminhão, descarregando caminhão de tora, trabalhei lavando torinha pro serrotão, cortando. Então, todas as funções que existiam dentro da fábrica dos Agibert, eu fiz. E pra mim foi bão! É serviço pesado? É. Era um serviço pesado! Tanto é que hoje eu não tenho coluna mais. Eu acabei com a minha coluna! Nos meus auge dos meus 45 anos, hoje eu não varro uma casa (Scheidt, 2025).

A experiência do trabalho na Firma Agibert, conforme narrada por Alcelia, permite compreender o trabalho fabril como dimensão estruturante da vida no Rio dos Patos, extrapolando o espaço da fábrica. Em contextos rurais, o trabalho industrial frequentemente se articula a valores associados à resistência física, ao aprendizado prático e à valorização do esforço, compondo narrativas nas quais o sofrimento corporal convive com o reconhecimento da experiência adquirida.

A narrativa de Alcelia sobre o trabalho articula tanto a valorização da experiência quanto o reconhecimento dos custos físicos e emocionais. Essa ambivalência não é incomum quando tratamos de narrativas de trabalhadores e não deve ser interpretada como contradição, mas como forma de elaborar o sentido do trabalho ao longo da vida.

A dificuldade de partir: corpo, mente e coração

O trabalho fabril em contexto rural produziu não apenas meios de subsistência, mas formas específicas de pertencimento e de relação com o lugar. O fechamento da fábrica, por sua vez, ativou processos de reelaboração da memória que articulam perdas materiais, rupturas afetivas e a permanência simbólica do Rio dos Patos como referência identitária. Portanto, o encerramento das atividades da Firma Agibert reconfigurou as trajetórias dos moradores do Rio dos Patos. O fim da atividade produtiva desencadeou processos de deslocamento forçado, redefinição de projetos de vida e ruptura com formas de habitar construídas ao longo do tempo.

A necessidade de partir, nesse sentido, não se restringe à busca por trabalho, mas implica o rompimento com redes de sociabilidade, com ritmos cotidianos e com modos de relação com o ambiente. A saída do Rio dos Patos, motivada pelo fechamento da firma e pela necessidade de buscar trabalho em outro lugar, é narrada como um processo extremamente difícil que afeta diferentes as dimensões da existência:

Mas foi muito difícil, Amanda, pra mim sair de lá, sabe? Tanto é que eu penso em voltar pra lá. Eu sempre falo pros pias aqui, a hora que eu tiver uma oportunidade, que eu conseguir uma casa de volta, eu viro de volta. Daí eles diz pra mim, mãe, mas pensa no serviço. Mas eu não penso no serviço, eu penso na paz. O sossego. Amanda, eu nunca fiquei doente na minha vida no Rio dos Patos! Aqui eu tenho que tá tomando remédio pra depressão. Eu tenho que tomar remédio pra dormir, senão eu não durmo de noite, eu passo duas, três noites sem dormir. E lá eu nunca tomei remédio pra nada na minha vida, a não ser o tratamento da coluna que eu fazia. Meu filho nunca passou mal, nunca precisou de medicamento, aquilo é abaixo de remédio, é abaixo de calmante, porque é outro que não dorme de noite, ele anda a noite inteira. Então foi muito repentino pra nós, foi muito difícil, sabe, essa mudança, e tá sendo difícil. Tá sendo uma mudança muito difícil. A mente não acostuma, o corpo não acostuma, o coração também não acostuma, não só eu, como o meu próprio filho (Scheidt, 2025).

A frase que dá título a este texto - "a mente não acostuma, o corpo não acostuma, o coração também não acostuma" - sintetiza a experiência de ruptura vivenciada pelos moradores após o fechamento da firma e a consequente necessidade de partir. O não acostumar evidencia que o lugar não era apenas um espaço de moradia e trabalho, mas constituía uma forma de ser e estar no mundo. A saída do Rio dos Patos representa uma ruptura que afeta o cognitivo (mente), o físico (corpo) e as emoções (coração) do sujeito.

As manifestações corporais dessa ruptura - insônia, depressão, necessidade de medicação - contrastam com a saúde vivenciada no Rio dos Patos, que mobilizam através da memória esse lugar como espaço de bem-estar, mesmo quando a coluna dói por conta do esforço físico na firma. O filho de Alcelia, que também não dorme de noite e "anda a noite inteira", compartilha dessa experiência de desenraizamento, sugerindo que o vínculo com o lugar transcende a experiência individual e se constitui também geracionalmente.

Considerações finais

Ao refletir sobre as experiências de morar, trabalhar e partir do Rio dos Patos, também se evidencia como o processo de fechamento da fábrica ativou mecanismos de reinterpretação do passado, reorganizando sentidos e redefinindo vínculos. A memória, nesse caso, não funciona como mero repositório de lembranças fixas, mas como dinâmica viva que articula o vivido, o pensado e o sentido. Portanto, embora percebido de forma singular pelos moradores, insere-se em um contexto nacional de transformações na indústria madeireira e de reorganização das comunidades relacionadas a esse mercado. Ao adotar a história oral como lente para analisar esses eventos, torna-se possível captar como as dinâmicas econômicas são incorporadas nas memórias, rotinizadas no cotidiano e reinterpretadas pelos sujeitos em sua vivência local.

Nesse sentido, a narrativa aqui analisada demonstra que o fechamento da Firma Agibert não representou apenas o fim de uma unidade produtiva ou a perda de empregos, mas uma ruptura profunda nas formas de habitar, trabalhar e viver. O Rio dos Patos, como lugar constituído através das experiências corporificadas e multissensoriais, permanece como referência identitária fundamental para aqueles que ali construíram suas vidas, mesmo após a partida física do local.

Por fim, é necessário apontar que a saída de Alcelia não significou um rompimento total com o Rio dos Patos, mas a transformação desse lugar e de seus vínculos de pertencimento com

ele, ainda agente. Esse pertencimento não depende exclusivamente da continuidade física da moradia, mas da permanência simbólica e afetiva que o lugar ocupa na trajetória de Alcelia. O trabalho da memória constroi o Rio dos Patos como eixo articulador da identidade de quem partiu.

Fonte oral

Scheidt, A. A. **Alcelia Aparecida Scheidt entrevista 2025**. Entrevista concedida a Amanda Taeli Rodrigues. Prudentópolis, Paraná, 2025.

Referências

AMADO, J. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. História, São Paulo, n. 14, p. 132, 1995.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

GOMES, N. D. (Org.). BARTCZCO, T. D.; DECZKA, N. M.; SAZATKOWSKI, D. **Prudentópolis, sua terra e sua gente**. [S.l.: s.n.], 1972.

GUIL, L. F. **As Linhas de Prudentópolis**. Curitiba: Arte Editora, 2015

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

LAVALLE, A. M. **A madeira na economia paranaense**. Curitiba: Grafipar/SEC-PR, 1981.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS, O. F. **Experiências da colonização eslava no centro sul do Paraná (Prudentópolis, 1895-1995)**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2012.

TILLEY, C. **Do corpo ao lugar à paisagem**: uma perspectiva fenomenológica. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 24-62, jan./jun. 2014.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO. **Localizações**. S/d. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/visitantes/cidades/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

ZAROSKI, N. G. **Prudentópolis suas linhas e seus pioneiros**. Guarapuava: Unicentro, 2018.